
Os “reis” do Brasil: hegemonia e contra-hegemonia nas narrativas da literatura de cordel sobre o período do Império¹

Alberto PERDIGÃO²
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Analisa o conteúdo de sete poesias-reportagens da literatura de cordel que abordam a vida e a obra de três mandatários do período imperial brasileiro. Três títulos da amostra foram escritos durante o Segundo Reinado, portanto são de caráter factual, e outros quatro, de caráter temático, foram escritos a partir de pesquisa na contemporaneidade. Partindo da premissa de que folhetos de política podem ser uma mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica, pergunta-se em que medida os referidos folhetos que tratam do Império apresentam aquelas características, e intui-se, como hipótese, que tais folhetos são alternativos, populares e contra-hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE: folkcomunicação; literatura de cordel; mídia alternativa; Império.

Introdução

Chefes de Estado, chefes de governos e, mais especificamente, presidentes de repúblicas e membros de monarquias as mais diversas sempre foram tema para o folheto de política da literatura de cordel. Nesta lista de personalidades se incluem, mais comumente, mandatários que estiveram mais tempo no poder e/ou que, em seus mandatos, tomaram decisões de maior repercussão política no mundo, no Brasil e, de forma particular, no Nordeste, região onde, historicamente, o folheto informativo da literatura de cordel - chamado de acontecidos, de circunstância, de ocasião etc - apresenta-se como uma mídia alternativa, popular e contra-hegemônica.

Esclareça-se que o Nordeste é entendido, aqui, como a região política brasileira ou como os territórios imaginados por uma cartografia social claramente anotada nas áreas marcadas pela diáspora de nordestinos para de estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília - além de outros estados da região Norte -, deslocamento verificado em

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Folkcomunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista, professor convidado de Comunicação Alternativa e Comunitária do MBA Gestão da Comunicação e Assessoria da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, pesquisa o folheto informativo da literatura de cordel com ênfase em política, e-mail: aperdigao13@gmail.com.

maior escala e frequência, ao longo do século XX. Poetas-reportéres dos referidos territórios informaram em poesias-reportagens a ascensão, a gestão, a queda e/ou a morte de lideranças políticas de forma mais ou menos isenta e com diferentes critérios de noticiabilidade - exatamente, ressalve-se, como o faz a mídia impressa tradicional.

Inversamente ao que afirma Mark Curran (2014), o poeta-reporter não é um repórter, é um poeta. É do campo não do jornalismo, mas da literatura e, assim sendo, informa de maneira mais ou menos descolada da proximidade de tempo ou de espaço, em relação ao fato ou ao tema que aborda. Desta forma, escreve sobre Abraão Lincoln e Adolf Hitler, sobre José Mujica e Donald Trump, como se estes lhe fossem contemporâneos; sobre Paulo VI, João Paulo I e II, Bento XVI e Francisco, sobre Elizabeth II, Carlos III, Diana e William, como se vivesse no Vaticano ou no Reino Unido, respectivamente. Do factual ao temático, da crônica à biografia, o poeta-reporter narra como se fosse um misto de informante intermediário e intérprete (LUYTEN, 1992) do território que representa, em relação aos meios de massa.

O presente artigo analisa o conteúdo de sete poesias-reportagens que abordam a vida e a obra de três mandatários do período imperial brasileiro, compreendido entre 1808 e 1889. Três títulos da amostra foram escritos durante o Segundo Reinado, portanto são de caráter factual, e quatro outros de caráter temático, uma vez que foram escritos a partir de pesquisa e publicados na contemporaneidade. A amostra aparentemente reduzida é suficientemente grande para o que se propõe. Foi construída a partir de bibliografia pertinente sobre a literatura de cordel no Império e tomando como universo o acervo de cerca de 700 exemplares físicos de folhetos de política da coleção particular do autor.

Para a realização da análise proposta, parte-se da premissa de que, em maior ou menor medida, os folhetos de política da literatura de cordel são uma mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica. Pergunta-se, desta feita, em que medida os folhetos de política que tratam do Império são efetivamente informativos alternativos, populares e contra-hegemônicos, seja em relação aos discursos da mídia tradicional ou dos livros de história. E intui-se, como hipótese, que tais poesias-reportagens são relativamente alternativas, populares e contra-hegemônicas. Esta é a primeira de uma série de tentativas futuras de analisar o conteúdo de folhetos de política da literatura de cordel, referentes a outros mandatários de outros períodos históricos.

1. A poesia-reportagem factual no Segundo Reinado

No Brasil, a literatura de cordel narra o cotidiano da política e seus mandatários, desde o período da oralidade, que coincide com todo o período Colonial. Salvo os poucos livros, folhas soltas ou jornais, e publicações diversas da administração pública e da Igreja Católica que chegavam aos poucos alfabetizados, a informação, a análise e os juízos de valor somente alcançavam a esfera pública das discussões e da formação de opinião de forma presencial e por meio de artistas e outros atores sociais, que cumpriam rotas dos centros de poder político e econômico para as periferias. Entre estes veículos populares estavam os trovadores, depois os repentistas, os tropeiros, depois os caixeiros viajantes.

Foi somente a partir da impressão autorizada - e controlada - pelo Império, ou seja, a partir de 1808, que os primeiros jornais começaram a circular, trazendo um misto de jornalismo e literatura, na prática, notícia e poesia. Nos dois casos, os discursos representavam as perspectivas e interesses políticos e econômicos da elite dos centros, não das camadas populares das periferias e do interior do país; falavam preponderantemente pelos donos dos meios de produção, não pelos trabalhadores livres ou escravizados. Foi neste contexto que surgiu, no Rio de Janeiro, a figura do poeta e tocador de rabeça João Sant'Anna de Maria, o Santaninha (VIANNA; LIMA, 2017).

De acordo com os autores, Santaninha imprimiu, cantou e vendeu suas poesias-reportagens, entre os anos de 1873 e 1883. Entre as obras que se resgataram do poeta, estão três poesias-reportagens em que o então rei do Brasil, Dom Pedro II, aparece como personagem: *A Guerra do Paraguai* (escrita a partir de março de 1870, quando o país comemorava a vitória sobre os paraguaios, e composta por 88 estrofes em sextilhas), *O Imposto do Vintém* (escrita a partir de janeiro de 1880, quando terminou a Revolta do Vintém, composta de 56 estrofes em sextilhas) e *O Célebre Chapéu de Sol* (escrito a partir de 1880, quando o imperador visitou a província do Paraná, composta por 22 estrofes em sextilhas).

Considerado um precursor da literatura de cordel, Santaninha foi o primeiro poeta a descrever o perfil e/ou analisar os atos de um chefe de Estado/governo brasileiro. Foi uma espécie de cronista do Segundo Reinado, o único de que se tem o registro de haver atuado como poeta-repórter no período. O período seguinte, a Primeira

República, que se instala em 1889, viria a ser coberta - para usar um termo do jornalismo - por poetas que também desempenhavam o papel de poeta-repórter, a exemplo de Leandro Gomes de Barros, que, por conta de seu pioneirismo, pela qualidade e grandiosidade de sua obra, entrou para a história como o pai da literatura de cordel.

Em *A Guerra do Paraguai*, Santaninha descreve o sangrento conflito, que durou mais de cinco anos (1864 a 1870), listando os navios mobilizados, as batalhas em terra, o contingente de combatentes, as baixas, os comandantes e a participação do rei, e fazendo lembrar em muito uma retrospectiva jornalística. Pedro II aparece como um monarca impetuoso, corajoso e decidido, até a vitória final. A narrativa elogiosa é comparável com a de um jornal monarquista, como era comum à época. Mas o que se põe em destaque é a construção textual claramente popular, certamente para facilitar a leitura individual ou a audição aos que não tinham literacia suficiente para tanto, e notadamente épica, como já era característico da literatura de cordel, desde a oralidade. Alguns trechos do poema apontam nestes sentidos:

D. Pedro ainda foi [iria] ao campo
Comandar seus batalhões,
Mas o povo lhe pediu
Que não fizesse isso não,
Que ele era reconhecido
Por pai comum da nação.

(...)

Vendo D. Pedro que o {Francisco Solano] López
Era um guerreiro afamado,
E tentando que seus navios
Talvez fosse derrotados,
Mandou buscar na Europa
Mais de vinte encouraçados.

(...)

Vendo D. Pedro Segundo
Seu exército o que sofria,
À falta de um general
Mandou chamar o Caxias.
Falou-lhe para ir pra guerra,
Disse-lhe que não podia.

Aflito e agoniado

Ficou o Imperador.

Disse o marquês de Caxias:

“Eu estou doente, senhor.”

Disse o Monarca ao Caxias:

“Se tu não fores, eu vou.”

(...)

Quando ele [Caxias] chegou à corte,
D. Pedro o recebeu,
E quis abdicar a Coroa

Ao genro Conde d’Eu
Para ir acabar com a guerra,
E o conde lhe agradeceu.

O Conde disse a D. Pedro
Com franqueza liberal:
“Se meu sogro me ceder
Que eu mande de general,
Eu vou defender a pátria
Como um dever natural.”

D. Pedro só fez dizer-lhe:
“Ide, general, com fé.”
E o conde d’Eu despediu-se
Da linda D. Isabel,
Dizendo: “Eu vou acabar
Com aquele infame infiel”.

(...)

Viva D. Pedro Segundo,
O Pai comum da nação!
Também viva o Conde d’Eu.
Generais e capitão!

Vivam os defensores da pátria,

Louvores à Conceição! (SANTANINHA apud VIANNA; LIMA, 2017, p. 95-106).

Em *O Imposto do Vintém*, Santaninha descreve a violenta revolta popular contra a cobrança de um imposto estipulado pelos então ministro da Fazenda e pelo presidente do Conselho de Estado sobre a passagem dos bondes, que aumentava em 20 réis (um vintém) o valor do transporte coletivo no Rio de Janeiro. A Revolta do Vintém, como ficou conhecida a onda de protestos durou oito dias, entre dezembro de 1879 e janeiro de 1880, muito se assemelha, no seu motivo inicial, aos protestos chamados Jornadas de Junho, ocorridos em 2013, e que, igualmente, tiveram a cobertura alternativa de mídias populares e contra-hegemônicas.

Diferentemente dos jornais monarquistas, de apoio irrestrito ao monarca e ao seu governo, a poesia-reportagem em tela utiliza a mesma linguagem popular, é certo, mas apresenta, desta feita, um tom relativamente crítico à medida e de apoio aos revoltosos, estes liderados pelo médico e jornalista republicano, Lopes Trovão. O tom de epopeia também é repetido, mas, desta feita, os heróis são os populares, leitores e ouvintes de Santaninha. O monarca, no caso, aparece à distância do conflito - talvez para evitar dissabores ao poeta-repórter - e, quando convocado no contexto do conflito, assume posição flexível e de mediador. Algumas estrofes são representativas da perspectiva apresentada por Santaninha:

A vinte e oito de dezembro,

O Dr. Lopes Trovão
Foi com quatrocentos homens,
Todos sem arma na mão,
Falar com o nosso Monarca,
E ele não deu-lhe atenção.

(...)

Chegando ao Largo do Paço,
Tinham quatro mil e cem,
Estavam de barraca feita
Para não embarcar ninguém,
Só, sim, se não se pagasse
O imposto do vintém.

(...)

Aí travou-se uma luta
Que até a polícia vem,
Morreram alguns condutores,
Alguns cocheiros também,
Quase mataram o fiscal
Pela causa do vintém.

(...)

Até o próprio Monarca,
Vendo que não estava bem,
O povo em revolução,
Sem atender a ninguém,
Julgou ver muita desgraça
Pela causa do vintém.

(...)

Mortos se sabe de oito;
Feridos passou de cem.
Até a cavalaria
Levou as pedras também.
Apanhou [sic] guardas urbanos
Pela causa do vintém.

Morreram seis urbanos,
Um disse adeus à mulher.
Quatro perderam os rifles,
Dois perderam o boné.
Foram ter no Pão de Açúcar
Pensando que era o quartel.

(...)

O Monarca pedira prazo
Dos dias que convém,
A fim de fazer consulta
Com os ministros que tem,
Pra ver se cobrava ou não,
O imposto do vintém.

(...)

No dia três de setembro
De oitenta, notem bem,
Saiu o Jornal dizendo
Que não se pague o vintém,
Nem no mar e nem na terra,

Nem nos bondes, nem no trem. (SANTANINHA apud VIANNA; LIMA, 2017, p. 107-114)

Em *O Célebre Chapéu de Sol*, Santaninha satiriza a notícia do desaparecimento de um chapéu de sol, que teria ocorrido durante uma viagem de Dom Pedro II à então província do Paraná. Chapéu de sol é nome que se dá a um sombreiro amplo e retrátil, muito utilizado no período do Império, nos deslocamentos do monarca ao ar livre, inclusive em viagens, para protegê-lo do sol e da chuva. O tal sombreiro, que poderia ter sido extraviado ou furtado, reapareceu como peça do acervo de um museu. Depois, na narrativa do poeta, foi visto em uso, o original ou uma cópia, nas ruas do Rio de Janeiro.

O tom da narrativa é de crônica urbana bem-humorada, ao mesmo tempo em que guarda as características das histórias de esperteza que remontam à fase da oralidade da literatura de cordel. O personagem central, que dialoga com o D. Pedro, é a figura do lusitano Zé Pereira, incorporado à época ao imaginário popular brasileiro, sobretudo do carioca, como um personagem (ou bloco) carnavalesco popular ligado à pilhéria, a brincadeiras - um Zé qualquer que também se tornaria monarca, no caso, o rei da folia. O poeta conta que Zé Pereira teve de se explicar ao outro rei, ou devolver o chapéu de sol, mas que dele escapou sagazmente.

O chiste, ao que aparenta, não enobrece o monarca, tampouco denigre a imagem do mandatário. Melhor, talvez, coloque-o em patamar mais popular, no caso, de alguém comum que perde um objeto e tenta recuperá-lo das mãos de quem o teria encontrado. A perspectiva pode ser notada nos seguintes trechos da narrativa:

Nosso Imperador D. Pedro
No seu Império e poder,
Deseja encontrar um sábio,
Que esse saiba lhe dizer
Como se acha um guarda-sol
Sem nunca o dono o perder.
(...)
O Monarca já perdeu
A fé de possuidor.
Avalia estar usado,
Porém que não desbotou.
Julga estar muito estragada
Nas mãos de quem o achou.
(...)
Zé-Pereira, envergonhado,
Foi ter com o Imperador.
Depois de cumprimentá-lo,
O chapéu lhe apresentou:
“É este o seu guarda-sol
Que sem ser perdido se achou?”

D. Pedro lhe respondeu

Como Monarca entendido:

“Pereira, não sei se é,
Mas fica persuadido
Que tem todos os sinais
E é muito parecido.”

Zé-Pereira respondeu:

“Não há só reis na Turquia,
Nem no mundo um só Monarca,
Nem só uma estrela brilha,
Nem no mar há um só peixe,
Nem no mundo uma Maria.”

Nisso saiu o Zé-Pereira,

D. Pedro cumprimentou.

Pereira saiu dizendo:

“Este caro me custou.”

O certo é que D. Pedro

Sem seu guarda-sol ficou. (SANTANINHA apud VIANNA; LIMA, 2017, p. 115-117)

Observe-se, em tempo, que nas poesias-reportagens de Santaninha os personagens falam, como no jornalismo, que se utiliza do recurso das aspas, ao apresentar o discurso de entes que protagonizam, sofrem ou testemunham o fato noticiado, ou que emitem opinião, no caso do texto da reportagem. É mais uma semelhança da poesia-reportagem de Santaninha, que voltará a ser encontrada nos folhetos de circunstância de seus sucessores, cerca de uma década depois.

2. A poesia-reportagem temática sobre o Império

A vida e a obra política de Dom Pedro II foram mote para folhetos publicados ao longo da República, e ainda hoje é possível encontrar publicações que tratam do assunto. O tom das narrativas, certamente, são o da reportagem histórica, um gênero híbrido entre o jornalismo e o documentário. Um exemplo recente é o folheto *Dom Pedro II - um imperador de grande dignidade*, do poeta membro da Academia Brasileira da Literatura de Cordel, Medeiros Braga, um verdadeiro tradutor de livros e documentos da história para a literatura de cordel. O folheto foi publicado em João Pessoa, pelo autor, em 2021.

A poesia-reportagem em foco é formada por 80 estrofes em septilhas, que transitam entre a homenagem e a elegia. A narrativa contextualiza o período do Império, apresenta as passagens relativamente breves de Dom João VI e Dom Pedro I e centra ênfase na vida e obra de Dom Pedro II, desde a abdicação do pai, em 1831, até a sua morte, já deposto e exilado em Paris, em 1891. Repete, em grande medida, o conteúdo

romântico dos livros didáticos da educação básica, que negligenciam diante dos conflitos e contradições vividas pelo monarca, como é normal ao mandatário de uma nação.

A relação que Dom Pedro II mantinha, em diferentes momentos, com abolicionistas e republicanos, com a Igreja e com os militares, com os governadores e oligarcas, e com o próprio governo ficam relativamente à margem. Em destaque, aparecem o perfil moral, intelectual e desenvolvimentista do monarca e os seus feitos tocantes às artes e às ciências, às liberdades individuais e aos direitos humanos (hoje chamados assim), à integração das províncias e à integridade territorial e, ainda, à soberania da nova nação. Algumas estrofes ilustram a perspectiva aqui defendida:

Fora Pedro de Alcântara
Que só tinha cinco anos
Educado com rigor
Para elaborar seus planos,
Conheceu a geografia,
História, filosofia
E os direitos humanos.

(...)

Governava e estudava
Com grande desenvoltura.
Para ele governar
Das missões era a mais pura,
Percorreu Brasil afora,
Mas jamais sem deitar fora
O seu hábito de leitura.

Ele moço dominava
Imensurável saber,
Sua versatilidade
Dava bem para se ver
Um monarca equilibrado
Que se via preparado
Para conduzir o poder.

(...)

Ele era determinado
Para um plano executar,
Jamais alguma ameaça
Para desencorajar;
Quando certo da razão
Não tergiversava em ação
Que teria que tomar.

(...)

Com o povo e políticos
Tinha boa relação,
Não se ofenda com críticas
Duras da oposição
Ele era um governante
Tolerável e tolerante
Bem ao gosto da nação.

(...)

Foi Dom Pedro um seguidor
Da virtude e da moral,
Construiu com muita ética
Sua base imperial.
Com gestos sempre sensatos
Só honrou pelos seus atos
A história nacional. (BRAGA, 2021, p. 4; 9; 14;20).

Cabe trazer também, como ilustrações, dados oferecidos pelos folhetos de política que apresentam os dois antecessores de Pedro II, ou seja, o pai, o imperador que se tornou rei, Pedro I (Pedro IV, ao reger posteriormente Portugal), e o avô, o regente do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Os três folhetos da amostra analisados foram escritos, evidentemente, a posteriori e estão baseados em livros de história e de grandes reportagens.

São eles: *Independência ou Morte*, de José Guilherme Teles (publicado pelo autor), que apresenta a participação de Dom Pedro I no contexto da Independência; *Quando D. João “Pegou o Beco”* (publicado em Juazeiro do Norte - CE, pelo Projeto Sesc Cordel, em 2008), que trata da “vinda e ida” do monarca do Brasil; e *A Saga de Dom João VI o Rei de Portugal* (publicado em Fortaleza, pelo autor, em 2018), que trata da mesma fuga de Portugal e do posterior regresso.

Em *Independência ou Morte*, o autor utiliza 64 estrofes em septilhas. Cita livros e obras de arte que contribuíram para a construção simbólica do fato histórico Grito da Independência ou, simplesmente, Independência do Brasil, apresenta a evolução das condições políticas objetivas para a autonomização, mas, diferentemente dos livros didáticos da educação básica, nega a Dom Pedro o lugar de herói, de protagonista. O imperador surge como uma via alternativa para atender interesses políticos do território, de grupos de sustentação que reivindicavam regras claras para o Estado e mais autonomia para o mercado e a sociedade. Como se vê, nos seguintes trechos:

Em junho de vinte e dois,
As Câmaras começaram
Com a seguinte postura:
Às cortes reivindicaram
Própria Constituição
Para legitimação
De tudo que pleiteavam.

D. Pedro, por sua vez
Comprometeu-se então,
Sob sua liderança
Uma Constituição.
Pelo Brasil se esprou,

Por todo canto vingou
Por D. Pedro, a adesão.

Entre junho e setembro
D. Pedro foi aclamado
Por mineiros e paulistas,
Mas não foi precipitado;
Encenou publicamente
Com o povo solenemente,
Um político contrato.

Rapidamente, o monarca,
Tendo o Rio o suporte
Convocou uma Assembleia
Constituinte, de sorte,
Que de modo contundente
O país é independente:

Independência ou Morte! (TELES, s/d, p. 16).

Em *Quando D. João “Pegou o Beco”*, a autora utiliza 48 estrofes em septilhas. Trata de suas conclusões - como ela própria declara em versos - resultantes de uma pesquisa histórica, sobre as motivações que levaram Dom João a assumir o trono de Portugal, depois a fugir para o Brasil com a família real e a estrutura da corte. Descreve a viagem, a chegada, as inovações introduzidas no Rio de Janeiro e as mudanças econômicas e sociais impostas pela gestão de Dom João, as quais se ampliaram pelas províncias de então, até a volta do monarca para Portugal, ocorrida 13 anos depois.

A poesia-reportagem repete o conteúdo relativamente monarquista e acrítico encontrado comumente nos livros didáticos, que ajudam a sedimentar a ideia de que foram positivas a vinda e a permanência da corte portuguesa no Brasil. Reconhece a criação de equipamentos públicos como o Banco do Brasil, a Imprensa Régia, a Escola de Medicina e o Jardim Botânico; o Museu Nacional, a Biblioteca Real, a Escola de Belas Artes. Mas defende, dubiamente, a tese republicana perpetuada no senso comum de que o perfil do rei e da família real, bem como o modelo de gestão introduzido à época, podem ser as raízes dos males que assolam o Brasil, desde então.

Não obstante a autora informar que o folheto “homenageia os 200 anos que a Família Real correu de Portugal para o Brasil”, nos versos, aqueles primeiros anos do Império são comparados a uma “peça” teatral, cujo “artista principal” foi Dom João. Neste aspecto, a poesia ganha o tom contra-hegemônico com acidez compatível à mídia panfletária, como se vê nas estrofes a seguir:

A vida do nosso Brasil
Acabo de vasculhar

Pesquisando um grande fato
Que aconteceu para mudar,
O rumo da nossa história
Com seu fracasso e glória
Quando estava a engatinhar.

O palco deste cenário
Foi o Rio de Janeiro
A plateia a nação
Nosso povo brasileiro
Que assistiu a essa peça
Toda teatro a beça
Importada do estrangeiro.

(...)

D.João foi considerado
O artista principal
E dona Carlota Joaquina
Rainha do bacanal,
Teve a vida de vedete
Por aqui virou manchete
Da fofoca nacional.

(...)

Com a chegada da corte
O Rio todo mudou
Mas no resto do Brasil
A coisa estacionou,
Com as Províncias perdendo
Revoltas acontecendo
Muita gente comandou.

A vida do povo pobre
Sofreu com a elevação
Subindo o custo de vida
Piorou a situação,
A cultura da cidade
Em sua diversidade
Passou por transformação.

Gente importante da corte
Comprou título de nobreza
Enquanto isso crescia
Toda a classe de pobreza
Que foi expectador
Não viam nem mesmo a cor
De toda aquela riqueza.

(...)

Toda aquela nobreza
Vivia em pleno céu
Tinha o emprego certo
Sem pegar nem no chapéu
Era boa em discurso
Utilizando recurso
Dinheiro tinha ao léu.

Nosso Brasil de hoje
É cena atualizada
Com o político corrupto
E sua rica mesada

Com nome de mensalão
Tem sustentado ladrão
Com muita grana roubada. (CRUZ, 2008, p. 1-2; 8; 11).

Em *A Saga de D. João o Rei de Portugal*, encontram-se 36 versos em sextilhas. Igualmente ao verificado em *Quando D. João “Pegou o Beco”*, a poesia-reportagem se apresenta como uma obra didática, baseada que está, igualmente, em livros da historiografia hegemônica e eurocêntrica. O autor explica as razões da fuga de Dom João e descreve os momentos da partida; narra a viagem e a chegada ao Brasil. E, da mesma forma, como que para estabelecer um contraponto àquela narrativa previsível, usa o artifício semelhante de apontar senões de um monarca “muito medroso”, que “não tinha ideia qual caminho pra seguir”.

Algumas estrofes ilustram a compreensão de um D. João medroso, inseguro, mais à frente, opressor do povo mais pobre:

D. João muito medroso
Não sabia o que fazer
Se era com os ingleses
Ou se ia obedecer
O tal louco imperador
Que não queria ceder.

E D. João decidiu
Sua corte reunir
Junto aos seus confidentes
Seus conselhos foi pedir
Pois ele não tinha ideia
Qual caminho pra seguir.
(...)

E quando chegou no Rio
Fez logo revolução
Tomou as casas do povo
Agiu com grande opressão
Era para o bem da corte
Sem dó da população.

Essa atitude do rei
Gerou insatisfação
E foi pintado nas casas
Da nobreza, seu brasão
Todo povo foi expulso
Sem lhe dar opinião.

Houve grande prejuízo
A vinda de D. João
Houve várias mudanças
Tipo da exportação
E das terras cultivadas
Houve mobilização. (DEUS, 2018, p. 2; 7-8).

Considerações finais

Este artigo analisou o conteúdo de sete poesias-reportagens que abordam a vida e a obra de três mandatários do período imperial brasileiro. Três títulos da amostra apresentaram caráter factual, dado que foram escritos durante o Segundo Reinado. Os quatro outros, de caráter temático, foram publicados na contemporaneidade. A análise considerou, como hipótese, que tais poesias-reportagens são relativamente alternativas, populares e contra-hegemônicas.

Como resultado da análise, é possível afirmar que os sete folhetos se apresentam como mídia informativa alternativa, seja em relação ao jornal ou ao livro de história. O caráter popular também se confirma, não só pelo aspecto não-elitista das narrativas - assuntos comuns, em perspectivas simples -, mas, sobretudo pela linguagem coloquial empregada. Sobre o caráter contra-hegemônico dos folhetos, a análise apresentou resultados diversos, que exige apresentá-los individualmente.

Em *A Guerra do Paraguai*, este se apresenta com características hegemônicas, é quase uma prestação de contas que enaltece o mandatário, algo comparável a um press-release de governo dos dias atuais. Em *O Imposto do Vintém*, não obstante poupar a figura do imperador D. Pedro II, a poesia-reportagem se opõe ao governo, cujo chefe de estado é o monarca, e se coloca em apoio aos revoltosos, sendo, portanto, de caráter contra-hegemônico. E em *O Célebre Chapéu de Sol*, também pode desta forma ser classificado, dado que o tom predominante da narrativa beira a galhofa.

Entre as poesias-reportagens temáticas, têm-se o caráter hegemônico, em *Dom Pedro II - um imperador de grande dignidade*, dado que repete o conteúdo romântico dos livros de história da educação básica, que negligenciam diante dos conflitos e contradições vividas pelo monarca. O folheto *Independência ou Morte* ocupa uma posição ambígua, dúbia, intermediária entre a hegemonia e a contra-hegemonia do livro didático, ao apresentar Dom Pedro I e a Independência como resultados da oposição que aquele sofria. Ou seja, não dá a Dom Pedro I o lugar de herói, mas também não o questiona como uma invenção das circunstâncias ou um monarquista que travaria os anseios republicanos de então.

Na terceira poesia-reportagem analisada, *Quando D. João "Pegou o Beco"* a narrativa é igualmente dúbia, uma vez que, da mesma forma, repete o conteúdo relativamente monarquista e acrítico encontrado comumente nos livros didáticos, ao

mesmo tempo em que defende a tese republicana perpetuada no senso comum de que o perfil do rei e da família real, bem como o modelo de gestão introduzido à época, podem ser as raízes dos males que assolam o Brasil, desde então. Finalmente, em *A Saga de Dom João o Rei do Brasil*, tem-se, uma vez mais, a narrativa didática enganchada a um contraponto, um porém, que se descola do que é hegemônico, sem, entretanto, adotar a contra-hegemonia como eixo para a narrativa.

Diante do exposto, contadas que duas poesias-reportagens são de caráter hegemônico, que três são de caráter ora hegemônico e ora contra-hegemônico, e que outras duas apresentam características contra-hegemônicas, é possível aceitar como relativamente válida a hipótese de os folhetos analisados são relativamente contra-hegemônicas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Medeiros. **Dom Pedro II um imperador de grande dignidade**. S/d: Edição do autor, 2021.

CRUZ, Maria do Rosário L. da. **Quando D. João “pegou o beco”**. Juazeiro do Norte (CE): Projeto Sesc Cordel, 2008.

CURRAN, Mark J. **Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas**. Lexington (Kentucky/EUA): Trafford Publishing, 2014.

DEUS, Leonardo Lucas Filho de. **A saga de Dom João VI o rei de Portugal**. S/d: Edição do autor, 2018.

PERDIGÃO, Alberto. **Política e literatura de cordel - o folheto como mídia informativa alternativa, popular e contra-hegemônica**. Fortaleza: RDS, 2022.

TELES, José Guilherme. **Independência ou morte**. S/d: Edição do autor, s/d.

VIANNA, Arievaldo; LIMA, Stélio Torquato. **Santaninha - um poeta popular na capital do Império**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2017.